



*Ayuntamiento de Reyes:*  
representações políticas do matrimônio de Juana e Felipe de Castela  
(séculos XV-XVI)

**Marcos Vinícius Marinho Fernandes**

Monografia de conclusão de curso

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

2015

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Monografia de conclusão de curso  
Professor orientador: André Gustavo de Melo Araújo  
Aluno: Marcos Vinícius Marinho Fernandes  
Matrícula: 12/0079925

***Ayuntamiento de Reyes:***

representações políticas do matrimônio de Juana e Felipe de Castela  
(séculos XV-XVI)

Monografia apresentada ao Departamento de  
História do Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade de Brasília para a obtenção do  
grau de licenciado em História.

*Provengo de una tierra donde el gozo del amor  
autentico corresponde a los villanos y a los  
caballeros sólo se nos permite completar las  
alianzas del linaje para garantizar la mejor de las  
posiciones a nuestros vástagos.*

**Enrique de Castilla, el Senador**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à Santíssima Virgem pela graça de ter escrito essa monografia, terminando assim os quatro anos da Graduação. Sou grato por ter condições necessárias para estudar o que gosto, vendo a História corroborar o sentido divino da existência humana. Certamente foi graças à religião católica, seus ministros e seus sacramentos, que meus estudos foram sempre tão frutíferos. Portanto, sou grato ao pe. Ulysses Reis e ao pe. Daniel Pinheiro pela assistência espiritual constante.

Agradeço à minha família, especialmente a meu pai Luis Carlos, minha mãe Alessandra, e meu irmão Luís Eduardo, três pessoas com quem divido tudo da minha existência, que fazem de tudo para me ver feliz, e já não posso ser feliz sem eles; aos meus queridos avós, que me proporcionaram seus ensinamentos experientes, tranquilizando as inquietações da juventude; aos meus tios e tias, principalmente meu padrinho e minhas madrinhas, que sempre fizeram as vezes de meus segundos pais; aos meus primos e primas, meus primeiros e mais duradouros amigos. Ser Marinho Fernandes me impede de agradecer nominalmente a cada parente, dado o tamanho e a proporção de pessoas que isso engloba, mas todos eles sabem a importância que lhes atribuo e que sempre procuro demonstrar.

Agradeço a todos os professores que abrilhantaram meu curso com suas aulas, pessoas de personalidades muito diferentes, porém todos cativantes a sua maneira. Agradeço especialmente à Maria Filomena e ao André Gustavo, sem os quais eu não teria me apaixonado pela História, e de quem eu tiro exemplos para todas as situações da vida acadêmica e mesmo fora dela. Agradeço também ao Marcelo Balaban, meu primeiro orientador, bem como ao Henrique Modanez, Tiago Gil, Tereza Kirschner, Francisco Doratioto e Matteo Giuli, professores com quem pude criar vínculos que excedem as curtas horas de aula.

Agradeço aos meus amigos, ainda mais difíceis de nomear nesse curto espaço, a quem nunca demonstro suficientemente o quanto são caros a mim. Saibam que minhas amizades ajudam a dar sentido à minha existência, e tenho verdadeiro apreço por cada um. Em ordem temporal: agradeço à Ana Paula, Lie e Amanda, e aos amigos que fizeram do Ensino Médio uma experiência tão boa que quis voltar a ele como professor; à Hellen, Yan, Larissa e David, amigos que nasceram pela Fé e com quem experimentei as intensidades da amizade adolescente; ao Gustavo, Andresa, Thainara, Giselle, Raíssa,

os amigos com quem repartí meu cotidiano durante os belos anos da Legião; à Paula, Anne, Denise, Maria Rita, Gilberto, Guilherme, Cleber, e Rogério, com quem vi nascer e frutificar a capela mais legal dessa cidade; à Kariny Nunes Rodrigues, amizade única e inédita, tão virtual e tão real, e que eu mais posterguei por causa dessa monografia que agora finda; aos amigos da UnB que mais literalmente conviveram comigo ao longo da Graduação, dividindo alegrias, angústias, ansiedades, e os almoços inesquecíveis no RU: Bráulio, Thaís, Rodrigo, Vanessa, Joana, Nayara, Lucas, Carol, Paula, Marília, Marlon, Rafaela, Rebeca, Yohanna, Gabriel, Matheus, Thiago, Gustavos, Diogo, Pedros, Felipe, Victor, Valério, Vinícius, Natália, David, Marina, Heloísa, Lana, Uelma, Mércia, Laila, Isabela, Eduardos, José Vitor, Tarik, Izaú, Carlos, Clarice, Michele, Scarlett, Germana... Peço desculpa se, na pressa em que escrevo, alguém foi esquecido; garanto que satisfarei a ofensa, com prazer, convidando-o para sair. Eu pago.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Capítulo 1 – O matrimônio e a política	17
Capítulo 2 – Intimidade matrimonial	25
Capítulo 3 – A linhagem nobiliárquica	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

## INTRODUÇÃO

O que é *matrimônio*? A resposta a essa pergunta depende da época a que o termo se refere, uma vez que devido às alterações nas estruturas sociais, um determinado vocábulo é capaz de congrega diferentes sentidos a partir das experiências às quais dá nome. Estudos relacionados à história dos conceitos demonstram que mesmo aqueles termos que mantiveram seu significado estável ao longo do tempo não são necessariamente “um indício suficiente da manutenção do mesmo estado de coisas do ponto de vista da história dos fatos”<sup>1</sup>. Hoje, por exemplo, usa-se o termo *matrimônio* para designar a união de duas pessoas numa vida comum, sem ignorar que ele já não tem as mesmas implicações sociais de um matrimônio do ano de 1496. Poderia se alegar que essa comparação inicial tem por referência um recorte temporal demasiadamente longo; entretanto, mesmo se a análise for restrita a uma duração mais curta, tendem a se sobressair diferenças práticas que foram agremiadas sob uma mesma denominação que já se usava e que continuou sendo usada, a despeito das mudanças.

Na realidade, a experiência matrimonial também está relacionada às circunstâncias particulares de cada casal. Mesmo que se tenha constituído uma série de pressupostos e expectativas a respeito de como deve ser um matrimônio, as experiências de cada casal podem variar muito, ainda que simultâneas temporalmente, como resultado de interferências e reações diversas. Isso torna útil o estudo de um caso individual na medida em que ele esclareça quais são os limites do modelo matrimonial de sua própria época.

Nessa perspectiva, esta monografia se propõe a analisar o matrimônio de Juana e Felipe de Castela, primeiros deste nome. Fontes de variados gêneros atestaram aspectos da vida matrimonial desse casal, não necessariamente de maneira unívoca. É o objetivo desta análise encontrar nas fontes as representações desse matrimônio, para ter uma visão multifacetada do enlace. Isso permitirá fazer comparações entre as diversas concepções do matrimônio, podendo serem encontradas semelhanças, diferenças ou mesmo contrariedades. Para isso, faz-se útil uma breve apresentação do tema.

Juana, da casa de Trastâmara, nasceu em Toledo, no ano de 1479. Era a terceira filha de Fernando e Isabel, reis de Aragão e Castela. Tendo dois irmãos à sua frente, a

---

<sup>1</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 2006, p. 114.

possibilidade de Juana ascender ao trono era remota. Por causa dessa improbabilidade, ela não foi preparada para reinar; ao contrário, sua aliança matrimonial foi arranjada de tal forma que ela estava destinada a ser apenas a consorte de Felipe, herdeiro do Sacro Império Romano-Germânico.

Felipe, nascido em Bruges no ano de 1478, era filho primogênito de Maria, duquesa da Borgonha, com Maximiliano I, eleito imperador do Sacro Império Romano Germânico. Ele sucederia ao seu pai como rei de Romanos – sendo o primeiro que não precisava da confirmação papal para tornar-se imperador –, e é possível crer que quando Fernando e Isabel consentiram no casamento de Juana com Felipe, imaginava-se que ela reinaria com ele no Sacro Império um dia. Não foi, porém, isso que aconteceu.

Juana viajou ao encontro de seu marido em 1496, casando-se e residindo em Flandres. O casal teve quatro filhos antes de tornarem-se reis de Castela: Leonor (1498-1558), Carlos (1500-1558, que se tornou Carlos V), Isabel (1501-1526) e Fernando (1503-1564); tiveram Maria (1505-1558) enquanto reis e Catalina (1507-1578), filha póstuma de Felipe. Os homens foram sacro-imperadores. Já as mulheres foram, todas, rainhas consortes. Observa-se, então, que também arranjaram seus casamentos de forma a manter os membros da linhagem nos níveis mais altos do poder.

Felipe nunca chegou a reinar no Sacro Império, pois viria a falecer antes de seu pai. Juana, por outro lado, contrariando todas as expectativas, tornou-se Rainha de Castela depois da morte de sua mãe, e de seus dois irmãos mais velhos.

Embora Juana tenha sido a rainha legítima de Castela, sabe-se que foi seu marido, Felipe, que realmente exerceu o poder em suas terras. Ele reinou de 1505 a 1506, embora só tenha se tornado rei oficialmente em abril de 1506 e reinado legitimamente por cinco meses. Depois de sua morte, Juana permitiu que seu pai regesse o reino em nome de seu filho, Carlos, até a morte de Fernando, em 1516. Fernando mandou Juana para viver em algo como um asilo em Tordesilhas, na companhia de sua filha mais nova, decisão que foi mantida por Carlos V até a morte da mãe, no ano de 1555.

Juana veio a ser conhecida como “a Louca”. Embora o mito da loucura de Juana encontre algum respaldo nas fontes de época, há uma grande diferença entre a representação de Juana nas fontes de sua própria época e a representação romântica e trágica que foi veiculada nos séculos XIX e XX.



A maior parte do imaginário construído na contemporaneidade sobre Juana e Felipe é fruto de autores oitocentistas. As obras literárias, como a de D. Orellana<sup>2</sup> ou a de D. Franquelo<sup>3</sup>, contribuíram para que Juana fosse vista como uma mulher que perdeu a razão por causa do amor, mas principalmente dos ciúmes. Estes autores românticos exaltaram a importância dos sentimentos e emoções na história de uma rainha da Espanha, fazendo refletir no passado uma compunção idílica motivada por seu amor funesto, que na verdade era mais obra da criatividade dos escritores do que resultado de pesquisa documental. Nas artes plásticas, a tragédia na vida de Juana foi representada mais de uma vez por Francisco Pradilla, mostrando ora a rainha desolada ao lado do caixão de seu marido, num ambiente sombrio<sup>4</sup>, ora semi-senil em seu asilo de Tordesilhas<sup>5</sup>.



PRADILLA Y ORTIZ, Francisco. **Doña Juana la Loca ante el sepulcro de su esposo, Felipe "el Hermoso"**. Óleo sobre tela. Museu do Prado, 1877, 340 cm x 500 cm. Disponível na página < <http://beardedroman.com/?p=172> >. Último acesso em 1/10/2015.

---

<sup>2</sup> ORELLANA, Don Francisco José. **Lá Reina Loca de Amor**: historia romântica de Doña Juana de Castilla y D. Felipe el Hermoso. Barcelona: Imprenta Hispana de Vicente Castaños, 1862. Na capa desta edição, uma nota: “Escribela (sic) em forma de novela y estilo ameno, para recreacion y alivio de enamorados”.

<sup>3</sup> FRANQUELO, Don Ranon. **Doña Juana La Loca**: drama histórico dividido em seis cuadros y escrito em verso. Salamanca: Imprenta de José Atienza, 1864. Na capa desta edição, uma nota: “Representado com aplauso em el Teatro del Principe la noche del 21 de Mayo de 1847.

<sup>4</sup> PRADILLA Y ORTIZ, Francisco. **Doña Juana la Loca ante el sepulcro de su esposo, Felipe "el Hermoso"**. Óleo sobre tela. Museu do Prado, 1877, 340 cm x 500 cm.

<sup>5</sup> PRADILLA Y ORTIZ, Francisco. **La reina doña Juana la Loca, reclusa en Tordesillas con su hija, la infanta doña Catalina**. Óleo sobre tela. Museu do Prado, 1906, 85 cm x 146 cm.



PRADILLA Y ORTIZ, Francisco. **La reina doña Juana la Loca, recluida en Tordesillas con su hija, la infanta doña Catalina.** Óleo sobre tela. Museu do Prado, 1906, 85 cm x 146 cm. Disponível digitalmente em: < <http://arte-paisaje.blogspot.com.br/2013/10/dona-juana-la-loc-recluida-en.html> >. Último acesso em 1/10/2015

Não foram os artistas românticos os únicos que remodelaram a imagem de Juana do século XIX. Historiadores e outros estudiosos, como Vicente de la Fuente e Gustave Bergenroth<sup>6</sup>, se aventuraram a abordar o problema da patologia de Juana de forma psiquiátrica. Isso gerou um grande debate historiográfico acerca da tese de que Juana seria não apenas louca, mas também herege.

Segundo D. Vicente de la Fuente, que não era neutro nesse debate, esses eram seus termos:

El probar hasta la evidencia que doña Juana, á pesar de su verdadera locura, fue católica en vida y en muerte, es un trabajo ímprobo, de escasso resultado y de ningun lucimiento. [...] Pero si, por el contrario, personas poco afectas al catolicismo llegasen á demostrar lo que ya han anunciado, que doña Juana no fue loca, y que era enemiga del catolicismo, quantas exclamaciones hinchadas, cuántas declamaciones contra la Iglesia se escucharían en la prensa y en la tribuna!<sup>7</sup>

<sup>6</sup> FUENTE, D. Vicente de la. **Doña Juana la Loca, vindicada de la nota de herejía.** Madri: Imp. D. Dubrull, 1870, p. 6.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 5.

Portanto, eram duas as posições possíveis. Havia aqueles, como De la Fuente, que defendiam a veracidade da loucura de Juana e, portanto, que ela não poderia ser considerada herege pois não estava em pleno controle das suas faculdades mentais. Por outro lado, haviam aqueles como Bergenroth<sup>8</sup> que acreditavam que ela nunca fora louca, mas sim rebelde contra o Catolicismo. Bergenroth chegou mesmo a acreditar que Juana, de alguma forma, teria se tornado protestante. Ela teria sido encarcerada pela sua família para que confessasse e se convertesse. O mito da irreligiosidade ou heresia de Juana ainda viria a ser sustentado por muito tempo, malgrado as críticas.

Foi o debate em torno da loucura de Juana que motivou a publicação de fontes até então inéditas, como as fontes publicadas por Gachard<sup>9</sup> e que serão amplamente usadas nesta monografia. Gachard foi um dos grandes defensores da loucura de Juana<sup>10</sup>, o que significava, na época, defender seu bom caráter e inocência. Também seus opositores defendiam a inocência de Juana, mas o faziam para denigrir a imagem do marquês de Deni e sua família – que cuidaram da rainha em Tordesilhas – como fanáticos religiosos. Ele publicou uma coleção de viagens dos soberanos dos Países Baixos, pretendendo desmentir vários mitos que se haviam gerado através da análise das fontes originais. Gachard, Bergenroth e Antonio Rodríguez Villa<sup>11</sup>, a propósito, foram os principais pesquisadores a levantar as fontes históricas sobre Juana.

Há algum tempo a historiografia deixou de debater sobre o nível de sanidade mental de Juana, ao menos em termos realmente psicológicos. Os últimos que deram este tipo de abordagem ao assunto foram Pfandl<sup>12</sup> e Sanz y Ruiz de la Peña<sup>13</sup>, que diagnosticaram a rainha com nada menos que esquizofrenia. Isso, segundo eles, explicaria seus momentos de lucidez temporária.

---

<sup>8</sup> CARTWRIGHT, William. **Gustave Bergenroth**: a memorial sketch. Edimburgo: Edmoston & Douglas, 1870.

<sup>9</sup> GACHARD, Louis-Prosper. **Collection des voyages des souverains des Pays-bas**. 4 tomos. Bruxelas: Commission Royale d'Histoire, 1876.

<sup>10</sup> Cf. FUENTE, *op. cit.*, p. 26.

<sup>11</sup> RODRÍGUEZ VILLA, Antonio. **Bosquejo Biográfico de la Reina Doña Juana**. Madrid: Aribau, 1874.

<sup>12</sup> PFANDL, Ludwig. **Juana la Loca**: Su vida, su tempo, su culpa. Madrid: Espasa Calipe, 1943.

<sup>13</sup> SANZ Y RUIZ DE LA PEÑA, Nicomedes. **Doña Juana I de Castela, la reina que enloqueció de amor**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1942.

Atualmente, os estudos acadêmicos sobre Juana estão muito relacionados a debates da história do gênero e da arte<sup>14</sup>. Entretanto, também são notórias as abordagens que levam em conta o uso político dado à figura de Juana. Bethany Aram<sup>15</sup> desenvolveu a tese de que, de acordo com a teoria dos “dois corpos do rei” desenvolvida por Ernst Kantorowicz, Juana, por não ter sido criada para reinar, teria sentido que seu corpo pessoal se sobrepôs ao do rei, inutilizando-a como rainha. Isso teria gerado a dificuldade de Juana em aceitar sua incumbência real e ser assertiva em suas ordenações, pois por prevalecer nela o próprio corpo ao invés do real, sua atuação estaria desajustada.

Cristina Segura Gaiño<sup>16</sup>, em consonância com Aram, analisou várias imagens de Juana em momentos diversos de sua vida. Cada uma delas foi interpretada a partir do modelo dos dois corpos do rei. A autora acredita que esses diversos imaginários elaborados sobre a pessoa da rainha, enquanto relacionadas mais ao seu corpo real ou corpo “individual”, poderiam servir para justificar sua presença ou abstenção da política. Além disso, a partir da perspectiva do *linguistic turn* e dos estudos foucaultianos, Aram<sup>17</sup> observa Juana como agente, isto é, como e de que maneira ela agiu segundo sua própria vontade. Para Aram, Juana voluntariamente escolheu dar vazão à sua própria lenda para assegurar a descendência do reino para seu filho. A rainha não teria elaborado estrategicamente um plano para divulgar boatos de que estava louca; porém, ao conhecê-los, teria feito o possível para promovê-los, de forma que pudesse escapar de um segundo matrimônio e não desequilibrar a política castelhana.

A partir dessa historiografia voltada para o estudo das representações políticas produzidas em contextos distintos da vida de Juana, este trabalho pretende analisar as

---

<sup>14</sup> GRAÑA CID, María del Mar. “Mujeres perfectas, mujeres sabias: educacion, identidad y memoria (Castilla, siglos XV-XVI)”, In: GRAIÑO, Cristina Segura (coord.). **La educación de las mujeres: libertad o subordinación**. Madrid: Al-Mudayna, 1996; SOLIÑO, María Elena. “La iconografía de Juana La Loca: Representaciones de la locura femenina en pintura, teatro y cine”, In: BECERRA, Carmen (ed.). **Reescribir ficciones: imágenes de la literatura en el cine y la televisión**. Pontevedra: Mirabel, 2005; SOLIÑO, María Elena. “Madness as Nationalistic Spectacle: Juana and the Myths of Nineteenth-Century History Painting”, In: GÓMEZ, María; JUAN-NAVARRO, Santiago; ZATLIN, Phyllis (eds.). **Juana of Castile: history and myth of the mad queen**. Lewisburg: Bucknell University, 2008.

<sup>15</sup> ARAM, Bethany. **La reina Juana: gobierno, piedad y dinastía**. Madrid: Marcial Pons, 2001.

<sup>16</sup> GRAIÑO, Cristina Segura. “Utilización política de la imagen de la reina Juana I de Castilla”, In: CARRETERO, Pilar Amador; FRANCO, Rosario Ruiz (eds.). **Representación, construcción e interpretación de la imagen visual de las mujeres**. Madrid: AEIHM-Instituto de Cultura y Tecnología Miguel de Unamuno, 2003.

<sup>17</sup> ARAM, Bethany. “Queen Juana: Legend and History”, In: GÓMEZ, María; JUAN-NAVARRO, Santiago; SATILN, Phyllis (eds.). **Juana of Castile: History and Myth of the Mad Queen**. Lewisburg: Bucknell University, 2010.

várias representações do matrimônio de Juana e Felipe presentes nas fontes selecionadas. Aqui serão analisadas: leis, crônicas, epístolas e versos. A diversidade das fontes permitirá que, se há quatro gêneros diferentes de fontes, suas representações sejam oriundas de contextos distintos, potencializando as diferenças ou semelhanças entre elas como fruto de uma cultura divergente ou comum, respectivamente.

A análise legal do matrimônio apoiar-se-á em *Las leyes de todos los reynos de Castilla abreviadas y reduzidas en forma de Reportorio decisiuo por la orden del A.B.C.*<sup>18</sup>, livro de compilações das leis de Castela de meados do século XVI feito por Celse-Hugues Descousu. Serão contempladas as passagens que possam ajudar a compreender em que termos o direito de Castela definia o matrimônio. Este documento apresentará um nível maior de controle por parte da autoridade régia, viabilizando uma compreensão do matrimônio como objeto de legislação da autoridade. O título desta monografia alude ao uso da palavra *ayuntamiento* por Descousu para designar o ajuntamento de duas pessoas em matrimônio; difere totalmente de seu significado atual na língua espanhola, que é o de “conselho municipal”. Uma vez que essa monografia procura analisar sobre a problemática em torno do arranjo matrimonial conturbado de Juana e Felipe, que chegaram efetivamente a serem reis de Castela, decidiu-se denominá-la *Ayuntamiento de Reyes*.

As crônicas serão de fundamental importância para a pesquisa, já que nos legaram a maior quantidade de informação a respeito do casal. Serão elas: a *Crónica de Felipe Io de Castilla llamado el Hermoso*<sup>19</sup>; *Relation du premier Voyage de Philippe le Beau em Espagne*<sup>20</sup>; *Relacion du deuxième Voyage de Philippe le Beau*<sup>21</sup>. Embora tais

---

<sup>18</sup> DESCOSU, Celse-Hugues. **Las leyes de todos los reynos de Castilla abreviadas y reduzidas en forma de Reportorio decisiuo por la orden del A.B.C.** Original disponível na Universidade Complutense de Madri. Casa de Iuan de Brocar, 1540. Este documento foi escolhido em lugar das *Siete Partidas* pois, embora apoie-se nelas, Descousu rearranja as leis segundo sua própria lógica, explicando-as da forma que achou mais adequada às pessoas de seu tempo. Na data de publicação deste livro, Juana ainda era viva, o que nos permite ter maior proximidade temporal entre as fontes.

<sup>19</sup> SALVÁ, D. Miguel; BARANDA, D. Pedro de (org.). **Coleccion de documentos inéditos para la Historia de España**. Tomo VIII. Madri: Viuda de Calero, 1846. A crônica de Felipe I foi encomendada por Carlos V, seu filho, em 1538. Foi escrita por Lorenzo de Padilla, eclesiástico e cronista, no período de dois anos, conforme é dito em seu prefácio. Afirma ter buscado relatos sobre a vida de Felipe e Juana, que já em sua época seriam escassos.

<sup>20</sup> GACHARD, Louis-Prosper. **Collection des Voyages des Souverains des Pays-Bas**. Tom. I. Bruxelas: Commission Royale d'Histoire, 1876. Essa crônica foi escrita em 1501 por Antoine de Lalaing, Sr. de Montigny. Ele acompanhou Felipe e Juana em sua viagem, por isso fala em primeira pessoa.



crônicas sejam escritas de forma a contar a história de maneira alegadamente verdadeira, é preciso estar atento à maneira com que eram escritas. Ainda que contenham camadas de verossimilhança, sem a qual qualquer crônica perderia sua eficácia argumentativa, elas eram encomendadas de acordo com objetivos políticos. Trata-se, então, de um arranjo do passado, organizado de forma a corresponder à agenda da pessoa que demandou que a obra fosse escrita. Não apenas se faz uma interpretação dos fatos de acordo com um ponto de vista, mas a própria encadeação da narrativa já é orientada por esta interpretação – de modo que, superficialmente, não parece que seja apenas uma entre várias interpretações possíveis, mas a única. Uma vez que este trabalho se propõe a compreender a representação do matrimônio nas fontes, não se atará a discutir a veracidade dos acontecimentos analisados; ainda que pouco provável, a narração das fontes segue uma lógica a partir da qual se poderá inferir as formas dessas representações.

É nesse sentido que também serão analisadas as correspondências de Felipe I, de Juana, Isabel e Fernando, e ainda de Gutierre Gomez de Fuensalida<sup>22</sup>, embaixador dos Reis Católicos nos países baixos. A correspondência nos oferece a possibilidade de observar a troca de informações relativamente mais íntima entre as pessoas que são objeto deste estudo. Os dilemas mais graves do matrimônio estudado dificilmente apareceriam com detalhes nas crônicas, mas foram certamente tratados nas cartas graças a seu caráter “privado”.

Por fim, também serão analisadas as *Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador*<sup>23</sup>. Esta fonte difere bastante das outras, por se tratar de versos feitos em homenagem ao casamento de Juana e Felipe. Expõe a leitura desta aliança a partir de um popular, chamado Fadrique Biel, no ano das

---

<sup>21</sup> *Idem*. Essa crônica, por sua vez, foi escrita em 1506. Seu autor é desconhecido. Ambas fazem parte de uma compilação belga de documentos referentes a viagens dos soberanos dos Países Baixos levada a cabo por Gachard no século XIX.

<sup>22</sup> FITZ-JAMES, Jacobo (ed.). **Correspondencia de Gutierre Gomez de Fuensalida, embajador em Alemania, Flandes é Inglaterra (1496-1509)**. Madri: Duque de Berwick & Alba, 1907

<sup>23</sup> **Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: <

[http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html)>

Último acesso em 6 de agosto de 2015. O documento não apresenta sua data de produção; provavelmente foi no ano de 1496, pois ele fala da viagem de Juana para Flandres, mas não de seu matrimônio, ocorrido naquele mesmo ano.

bodas. Não se sabe o ano de produção desse texto, mas certamente foi A peça possui elementos líricos que cabem apenas a este tipo de texto, o que exige uma interpretação diferente. Isso não impede que se comparem fontes tão diferentes; antes, o procedimento analítico adotado nesta monografia contrasta as particularidades de cada uma.

Embora se pretenda ter uma visão ampla do casamento de Felipe e Juana através das fontes selecionadas, a análise será feita gradativamente através de três eixos argumentativos adotados nas fontes para apresentar e explicar o matrimônio. O primeiro deles, que será tratado no primeiro capítulo, refere-se à esfera política, do poder e das relações públicas, isto é: de que maneira o matrimônio aparece nas fontes no que concerne ao seu uso político por parte da família real? Como as dinâmicas matrimonial e política se relacionam?

No segundo capítulo, será observado o foro íntimo e familiar do casal. Esse tipo de informação aparece de forma mais velada nas fontes. Por isso, a interpretação poderá ter mais lacunas do que a primeira categoria. Entretanto, Juana e Felipe tiveram um casamento conturbado também no aspecto íntimo, e certamente esse aspecto de suas vidas precisa ser levado em conta. De que forma as fontes abordam a relação entre marido e mulher? As fontes são unânimes no que dizem? Como são retratados os sentimentos entre o casal, se é que o são?

No terceiro capítulo, será observado o aspecto dinástico do casamento. Juana foi a última Trastâmara a ter reinado – ainda que nominalmente, o que não é de todo insignificante – em Castela, Aragão, Nápoles e Navarra. Depois disso, estas terras serão associadas à linhagem dos Habsburgo. Aram<sup>24</sup> abordou o peso que a herança de Carlos V teria tido nas ações de Juana, que teria abdicado da liberdade para que a herança real não fosse prejudicada. O que as fontes podem nos dizer a respeito disso? E mais: o matrimônio é não só a união de duas Casas, mas o elemento essencial para a reprodução da aristocracia, pois é com os filhos legítimos que estas linhagens se mantêm e se perpetuam. Compreender como as fontes apresentam o casamento como um dos principais meios de garantir a sobrevivência da linhagem é um dos objetivos a que este trabalho se propõe. Nesse último capítulo, a partir das observações feitas nos dois anteriores, também serão levadas em conta as possibilidades que se apresentaram neste

---

<sup>24</sup> ARAM, Bethany. “Queen Juana: Legend and History”, In: GÓMEZ, Maria; JUAN-NAVARRO, Santiago; SATILN, Phyllis (eds.). **Juana of Castile: History and Myth of the Mad Queen**. Lewisburg: Bucknell University, 2010, p. 37 *et passim*.

estudo em termos da eficácia e do poder de legitimação das representações do casamento de Juana e Felipe.



## Capítulo 1 - O matrimônio e a política

Neste capítulo, será abordado de maneira particular o aspecto político do casamento de Juana e Felipe. A análise destacará seu caráter primordialmente diplomático não só nos primeiros anos do matrimônio, mas também durante toda a vida matrimonial. O intuito deste capítulo será demonstrar que um matrimônio nobiliárquico como esse tinha um caráter eminentemente político, devendo manifestar-se em forma de aliança, da qual ele era símbolo e garantia. Ora, nem sempre as alianças eram levadas a cabo na política externa dos países de onde provinham os nubentes, da mesma forma que esses matrimônios, na prática, poderiam não seguir fielmente o que estava disposto nas leis. Portanto, as representações políticas do matrimônio de Juana e Felipe devem ser interpretadas a partir da cultura política dos séculos XV/XVI em geral – no qual se inclui o casamento –, que apesar de variarem segundo as circunstâncias, não perdiam por isso sua validade.

Entre a documentação que será usada nesta análise, há uma instrução dos Reis católicos enviada a Gutierre Gomez de Fuensalida<sup>25</sup>, um de seus embaixadores em terras estrangeiras, quando este estava nas terras do Sacro Império Romano Germânico. A datação é incerta, mas certamente foi em algum momento entre 1495 e 1496. Ela é a mais antiga, dentre as abordadas nesta monografia, a tratar do casamento de Felipe e Juana. Fuensalida foi o responsável por organizar o matrimônio duplo de Juana com Felipe e de Juan de Trastâmara com Margarida da Áustria<sup>26</sup>.

Embora Juana e Margarida tenham tido trajetórias um tanto diferentes, a estratégia usada em seus desponsórios foi similar: usar as infantas, que não tinham probabilidade de serem sucessoras do trono, para alcançar-lhes ao menos a condição de rainha/imperatriz consorte<sup>27</sup>. Juana e Margarida não se casaram com reis, mas com

---

<sup>25</sup> FITZ-JAMES, *op. cit.*, p. 1.

<sup>26</sup> Juan de Trastâmara (1478-1497) era o segundo filho dos Reis Católicos e, por ser o único homem, o herdeiro do reino. Morreu no mesmo ano em que se casou com Margarida. Margarida de Áustria (1480-1530) era filha de Maximiliano I com Maria da Borgonha, irmã mais nova de Felipe *el Hermoso*. Havia sido prometida desde a infância como noiva para o delfim de França, futuro Carlos VIII. O rei, porém, renunciou a este acordo. Depois da morte de Juan, casou-se ainda mais uma vez com Felisberto II de Saboia. Este matrimônio acabou depois de três anos, e ela foi nomeada governadora dos Países Baixos por seu pai. Margarida viria a ter um importante papel como educadora de Carlos V.

<sup>27</sup> Vale citar Francisco Brandão a respeito do casamento de D. Isabel de Aragão com D. Dinis de Portugal, no século XIII, com fim análogo: *Inclinouse com tanta facilidade el Rey de Aragão por muitos respeitos; hu deles foi despedir logo de sua casa para Rainha hua filha que tanto*

príncipes que um dia ascenderiam ao trono. Assim, ambos os titulares de Aragão e Castela e do Sacro-Império teriam ao seu lado uma consorte da outra família, fortalecendo esta aliança nos anos seguintes.

No que diz respeito à instrução que será citada abaixo, seu início manifesta o caráter primordialmente político desses enlaces matrimoniais: esse matrimônio tinha por fim unir Castela e Aragão ao Sacro Império Romano Germânico, em oposição à França.

Ao passo que Fernando e Isabel exortam Fuensalida a conseguir que as palavras de presente<sup>28</sup> sejam feitas assim que possível, mandam também que convença o Imperador a romper laços com a França, em defesa de Milão – que na época estavam em conflito. Percebe-se, assim, que as negociações matrimoniais e a diplomacia entre Estados são entendidas como assuntos da mesma ordem. De fato, um casamento régio sempre tem ressonâncias para além do próprio reino, pois materializa uniões entre Estados diferentes.

Os Reis Católicos desejavam que Margarida pudesse ir a Castela antes, de forma que Juana tomaria sua condução em retorno à região dos Países Baixos. Pode-se imaginar que os Reis Católicos tinham mais pressa no casamento de Juan do que de Juana, pois ele era o filho herdeiro do trono, ao passo que ela era uma infanta cujo papel na política castelhana seria secundário a partir de então. Oferecem, porém, a opção de mandarem Juana primeiro caso a viagem de Margarida seja impedida, de forma que esta voltaria a Castela na condução que levaria Juana, às custas de Isabel e Fernando. Essa segunda alternativa foi a que se concretizou.

Os Reis Católicos mandam um relatório explicando a situação hostil deles com relação à França. Isso se devia à invasão francesa da península itálica em direção à Nápoles, região da qual os Trastâmara reivindicavam a posse. Esse relatório deveria ser

---

*amava. O que não seria os outros Príncipes, que ainda não eram herdados; & nessas matérias obra muito o entrar senhorendo logo, & não esperar para mandar.* BRANDÃO, Francisco. Da embaixada a Aragão sobre o casamento delRey Dom Dinis. In: **Monarquia Lusitana**. Parte V. Lisboa: Imprensa Nacional, 1976, p. 58-70, *apud*: GIMENEZ, José Carlos. “Alianças matrimoniais como estratégias políticas na Península Ibérica”, In: GUIMARÃES, Marcella; FRIGHETTO, Renan (coord.). **Instituições, poderes e jurisdições**: I Seminário Argentina-Brasil-Chile de História Antiga e Medieval. Curitiba: Juruá, 2007, p. 159.

<sup>28</sup> FITZ-JAMES, *op. cit.*, p. 1. Matrimônios desta estirpe normalmente eram feitos por palavras de futuro e/ou palavras de presente. Basicamente, palavras de futuro eram as combinações feitas de que um homem e uma mulher haveriam de se casar no futuro. A isso se chamava “desposório por palavras de futuro”, que não constituía ainda um matrimônio válido e sacramentado. Seria necessário ainda que os nubentes, diante um do outro, confirmassem voluntariamente os votos de união em nome de Deus. Cf. VELAZCO PEREZ, Ignacio (ed.). **Las Siete Partidas sabio Rey Don Alonso**. Madrid: Imprenta de los señores viuda de Jordan e hijos, 1843.

reportado ao Sacro Imperador, explicando porque ele deveria apoiá-los na luta contra a França.

É muito revelador o trecho seguinte:

Si el Rey de francia enviare alguna embaxada al Rey de Romanos para estorbar nuestros casamentos con ofrecimientos, digan nuestros embaxadores al dicho Rey que ya el sabe de que manera guarda el Rey de francia lo que promete, y puede conocer que si algo le promete no es para complirlo ni para outro bien suyo, salvo para estorballo (...). El principal fin de vosotros há de ser dar priesa que los casamentos se acaben y pongan en obra y desviar todas las cosas que los pudiesen estorbar o alargar.<sup>29</sup>

Está claro, portanto, que Fernando e Isabel tinham pressa em ver os casamentos realizados, principalmente o de Juan. Além de se tratar do casamento de seu herdeiro, e da segurança de manter sua descendência no governo de Aragão e Castela, também se preocupavam com o perigo que a França oferecia. Situada entre a Península Ibérica e os Países Baixos, estava em conflito deflagrado com os Trastâmara, porém não com os Habsburgo. De fato, conforme se veria no futuro, os embaixadores franceses tentaram impedir a realização desta união. Por isto essa carta-instrução a Fuensalida ora fala dos casamentos, ora da questão francesa: para Fernando e Isabel, eram questões a serem tratadas conjuntamente.

A história desse arranjo matrimonial foi narrada, muitos anos depois, por Lorenzo de Padilla<sup>30</sup>. Em meio à narração de como se iniciou a contenda entre espanhóis e franceses, situa-se as negociações de casamento. Logo depois de falar sobre como os franceses descumpriram a promessa de dar o Condado de Ruisellon aos espanhóis em troca de Nápoles<sup>31</sup>, Padilla explica que foi em Barcelona que os Reis receberam a comitiva do Imperador Maximiliano para combinarem como levariam a cabo o casamento duplo. Esse assunto foi tratado logo depois do rompimento da aliança com a França, e já foi observado que essa ruptura motivou os Reis a apressarem os enlaces.

---

<sup>29</sup> FITZ-JAMES, *op. cit.*, p. 2-3.

<sup>30</sup> SALVÁ; BARANDA, *op. cit.*, p. 21.

<sup>31</sup> Deve ser a isso que os Reis Católicos se referiam quando disseram que o Rei da França não cumpria suas promessas (ver nota 28). Também é possível que eles aludiam ao feito que o Rei da França renunciara a casar seu filho com Margarida da Áustria; ou, ainda, é possível que eles faziam referência aos dois acontecimentos, tendo em vista reunir em solidariedade os dois governantes contra o inimigo em comum.

Esse momento, em que os reis decidem finalmente efetuar os casamentos, é descrito por Padilla<sup>32</sup> de forma que se deixa entrever a sua concepção de como funcionavam esses pactos matrimoniais nobiliárquicos. O acordo feito em Valladolid, no ano de 1488, entre os Reis Católicos e o Sacro-Império já é referido como o próprio casamento. Nos termos de Padilla, foi “deseando el Rey y la Reina que estos casamientos hobiesen efeto” que se preparou a troca de noivas entre Castela e Flandres. Ora, tendo essa crônica sido escrita muitos anos depois dos acontecimentos relatados, pode-se imaginar que se falou dessa maneira sobre os enlaces porque já se sabia de seus desfechos. Não raro os arranjos matrimoniais eram rompidos mesmo depois de muitos anos, como foi o caso de Margarida, irmã de Felipe – para não dizer dos rompimentos mais complicados que se davam após o casamento de fato.

Parece que Padilla desloca o início da data que marca o compromisso entre Juana e Felipe, ressaltando o compromisso antigo entre as Casas – mesmo que ainda cinco anos antes Margarida fosse prometida a outro noivo. Essa estratégia discursiva contribui para dar mais respeitabilidade aos matrimônios. Afinal, em 1496, eles teriam se tornado efetivos, no momento em que noivo e noiva consumam a união física e espiritualmente. Isso não significa que o arranjo anterior não tivesse verdadeiro peso político, mas também não quer dizer que depois de celebrado e consumado um matrimônio ele seria intocável, ou ao menos respeitado.

Sabe-se que a união consumada estava longe de ser “indissolúvel”, a despeito das leis. O pai de Felipe e Margarida, Maximiliano I, se casara de fato com a duquesa Ana da Bretanha, que lhe foi tomada por Carlos VIII. Esse mesmo Carlos VIII era o futuro esposo da filha de Maximiliano. O rompimento do casamento curto de Maximiliano e Ana foi, certamente, mais bruscamente visto na política internacional, o que exigiu intermediação papal. Já um rompimento dos desponsórios, por sua vez, não tinha o mesmo valor negativo; porém, decerto não seria rompido por motivos levianos.

Segundo as leis castelhanas da época, seguindo a teologia sacramental do matrimônio, “El matrimonio legitimamente contraydo no se disuelve ni deshaze avn q el

---

<sup>32</sup> “Segun es **dicho**, el bastardo de Borgoña con poder del Archiduque de Austria y Duque de Borgoña, primogénito del Emperador Maximiliano, se habia desposado en Valladolid en nombre de Archiduque, con la Infanta Doña Joana; y en nombre de Doña Margarita, hija del Emperador, y con poder suyo, se habia desposado con el Príncipe D. Joan, herdero de Castilla. Deseando el Rey y la Reina que estos casamientos hobiesen efeto, mandaron aderezar armada y hacer gente para que pasase la Infanta Doña Joana en Flandes á se casar [...]”. Cf. SALVÁ; BARANDA, *op. cit.*, 1846, p. 35.

vno de los conyuges se tornare gaffo o leproso”<sup>33</sup>. Não se deve pensar, porém, que eram apenas os germânicos ou franceses que dissolviam um matrimônio legitimamente contraído. Existem precedentes desta prática em toda a Europa. Porém, quando isto era feito, requeria um trabalhoso processo de contra-legitimação da união por vias legais, que acabam por justificar a separação do casal e um possível novo matrimônio<sup>34</sup>. Alianças feitas “para sempre” ainda estavam à mercê das mudanças circunstanciais. Não se perdia, porém, o referencial de vitaliciedade do matrimônio.

Assim, a mesma lei que garante a indissolubilidade do casamento, diz mais adiante: “Puede se hazer divorcio avn que el matrimonio fuesse contraydo legitimamente y segun los mandamientos de la yglesia.”<sup>35</sup> Isso, porém, nos casos em que um dos esposos, com o consentimento do outro, desejasse tomar ordens religiosas; ou, ainda, em casos de adultério “carnal ou espiritual”. Essa exceção abria precedentes para que os homens das leis argumentassem em favor de divórcios e anulações de matrimônio. Com isso, pode-se entrever que alianças e pactos podiam ser entendidos de formas diferentes, em momentos diferentes. Mais adiante, finalmente, diz-se: “el matrimonio que fuesse contraydo segun derecho sin justa causa y razon no se puede apartar”<sup>36</sup>. Portanto, se há justas causas e razões para haver separação, ela pode acontecer.

Os trechos que foram selecionados das leis castelhanas tinham por objetivo demonstrar de que maneira as leis daquela época comportavam algumas exceções, na medida em que se alinhavam com as circunstâncias do momento. Era uma cultura política na qual a lei tende a se sujeitar ao costume, o que a torna orgânica e capaz de adequar-se a situações que aparentemente seriam contrárias ao disposto nas leis. Exemplo disso é a fidelidade que marido e mulher devem guardar entre si<sup>37</sup>; a quebra desse preceito, porém, não acarreta na anulação do matrimônio. Felipe, *el Hermoso*, assim como vários reis antes e depois dele, também não parece ter sido fiel ao leito conjugal.

---

<sup>33</sup> DESCOUSU, *op. cit.*, fol. 217 r.

<sup>34</sup> Foi assim que o rei Henrique VIII tentou, sem sucesso, conseguir do Papa a anulação do seu casamento com a rainha Catarina, irmã mais nova de Juana.

<sup>35</sup> DESCOUSU, Celse-Hugues, *op.cit.*, fol. 219 r.

<sup>36</sup> *Idem*, fol. 219 v.

<sup>37</sup> *Idem.*, fol. 218 r.

Segundo uma carta de Juana que será analisada com mais atenção no próximo capítulo, ela sofria de ciúmes de seu marido<sup>38</sup>. Esse sentimento poderia ter sido originado apenas de pensamentos de Juana, mas sabe-se que Felipe tinha um comportamento pouco continente no que diz respeito às relações com as cortesãs ainda nos primeiros anos de seu casamento, em Flandres<sup>39</sup>. Não seria nenhuma surpresa se Felipe tivesse tido mesmo um filho bastardo, conforme Carlos V teria testemunhado em uma de suas viagens, anos depois da morte de seu pai<sup>40</sup>.

Observou-se, portanto, que o matrimônio de Juana e Felipe foi arranjado como solução de um problema político muito claro: a guerra contra a França. Isso não impediu Felipe, depois, de tentar alcançar diversos acordos com a França, contrariando a vontade dos Reis Católicos e fazendo-os reconsiderar sobre a utilidade do casamento em que colocaram sua filha Juana<sup>41</sup>.

Como último documento deste capítulo, será analisado o poema feito por Fadrique Biel da Basileia por ocasião das bodas de Felipe e Juana. Trata-se de uma peça composta em oito fólios, em verso, narrando a história da viagem de Juana para casar-se. Em termos de antiguidade, depois das epístolas de Fuensalida, este é o documento mais antigo deste repertório. Ao contrário de todas as outras fontes desta monografia, esta não foi escrita nem encomendada por um membro da nobreza. Fadrique Biel, um dos primeiros impressores em Burgos, tinha uma posição de destaque na sociedade, mas não pertencia às ordens superiores.

A riqueza de detalhes dos poemas dá à descrição maior definição. Embora muito do que Fadrique Biel diga provavelmente seja oriundo da sua criatividade, há que se prestar atenção ao que há de político em sua elaboração do enlace. Assim diz:

Altos reyes poderosos / por mano de dios vngidos / tan discretos animosos /  
justiceiros piadosos / nunca vieron los naçidos / perdona los mis sentidos / pues  
tomavan tal empresa / cavalleros muy luzidos / del império son salidos / por  
casar la archiduquesa. / El muy alto emperador / sobre reyes mas subido / embio  
por embaxador / de su tierra vn gran señor / quen espana fue venido / el qual  
viene establecido / por su alteza prosperada / nuestro rey quando le vido / el le

---

<sup>38</sup> SALVÁ; BARANDA, *op. cit.*, p. 293.

<sup>39</sup> ARAM, *op. cit.*, p. 154.

<sup>40</sup> VITAL, Laurent. **Relación del primer viaje a España de Carlos I:** con su desembarco en Asturias. Madrid: GEA, 1948.

<sup>41</sup> Como se verá no próximo capítulo, isso poderia ter levado Isabel a tentar afastar sua filha do marido, no que foi malsucedida devido aos sentimentos apaixonados que ela nutria por ele. Cf. ARAM, Bethany. “Queen Juana: Legend and History”, In: GÓMEZ, Maria; JUAN-NAVARRO, Santiago; SATILN, Phyllis (eds.). **Juana of Castile: History and Myth of the Mad Queen**. Lewisburg: Bucknell University, 2010, p. 34 *et passim*.

tiene prometido / responder a su embaxada. / Respondíole su grandeza / com  
palavra muy humana / que mirasse la lindeza / que tenia y gentileza / la su hija  
dona juana / outro dia enla mañana / la muy alta poderosa / se mostro ala  
ventana / do esta gente cortesana / salegro por ser hermosa.<sup>42</sup>

Os recursos às imagens plásticas são presentes ao longo de toda a obra. Louva-se as virtudes dos “altos reis”, sua justiça, sua piedade, sua unção divina: tudo isso contribui para a propagação da imagem de bons monarcas. Esta não é, porém, uma representação veiculada a partir da corte. Fadrique Biel mostra como os valores régios podem ser assumidos e propagados a partir dos homens comuns, reproduzindo modelos que têm sua origem nas classes superiores entre seus próprios membros.

Segundo a perspectiva de Fadrique Biel, foi o Sacro Imperador que teria tomado a iniciativa de consolidar a união com os Reis Católicos. Ele teria mandado seu embaixador para a Espanha a fim de pedir a mão de Juana para seu filho. Para isso, é preciso que o embaixador veja a princesa: ela tem a aparência muito bela e modos gentis. Esses aspectos positivos da sua aparência denotam, de certa forma, a qualidade do próprio reino. A boa filha que o rei dá em casamento deveria representar, assim, a boa-fé de sua parte em manter a aliança para com aquele a quem entrega Juana.

Os versos seguem, então, uma linha de acontecimentos muito afortunada e quase sem reveses, exceto quando a frota que levava Juana foi atacada<sup>43</sup>, o que representaria um momento de provação antes do grande bem que foi a celebração do matrimônio:

Ya despues que hizo vela / enla mar con sus varones / ven salir dela rochela /  
mucha nao y caravella / con grand flota de bretones / mas sus falsas opiniones /  
por mal cabo los echaron / pues en fin de conclusiones / el armada despañones /  
la su flota les tomaron. / Ya despues que los vécieron / vsen vsen crueldad / que  
esto bien lo merescieron / por lo que acometieron / con su mala propiedad / mas  
su alteza y realidad / hizo conlos cavalleros / que vsassen de bondad / pues a su  
grande majestad / se le dan por prisioneros.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> **Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: [http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html) < Último acesso em 6 de agosto de 2015.

<sup>43</sup> Uma vez que essa monografia não se ocupou de estabelecer a veracidade dos relatos primários, não se levantou o problema da realidade ou não desse confronto. Sabe-se, porém, que os franceses tentaram impedir o encontro físico de Juana e Felipe quando da chegada da princesa em Flandres.

<sup>44</sup> **Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: [http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html) < Último acesso em 6 de agosto de 2015.

Os “bretones” provavelmente são guerreiros da Bretanha, região do norte da França. Sabe-se que os franceses tentaram, por diversos meios, impedir o casamento de Felipe. Porém, apesar desse contratempo, os espanhóis saíram vitoriosos e ainda tiveram a oportunidade de agir com mercê para com seus inimigos, numa outra demonstração da virtude da piedade que Fadrique já louvara em seu rei, e agora louva em Juana, que afinal foi quem pediu mercê para os bretões. Os vencidos tornam-se prisioneiros, o que é duplamente vantajoso para o rei que além de virtuoso, também tem sua autoridade afirmada.

Depois de vencido o obstáculo, é dado seguimento aos grandes festejos pela chegada da noiva de Felipe:

Alli vi las dos naçiones / conla su comunidad / alemanes españoles / con solênes  
processiones / reçebir su potestad / porque hablando la verdad / nunca vieron los  
humanos / tan rica solênidad / enla grande cristiandad / no se acuerdan los  
romanos.

Assim como se observou nas cartas e nas crônicas, no qual o fim político do matrimônio fora muito explicitamente exposto, também nos versos de Fadrique este fim está presente e não é de forma alguma desmerecedor do enlace; ao contrário, a união entre alemães e espanhóis representada por membros de suas respectivas casas reais contribui para aumentar a glória desse matrimônio para um patamar elevado. O poder, a solenidade, as comunidades das duas nações que se encontram para celebrarem juntas a união que aumentará o poder de bons cristãos – em face, por exemplo, dos bretões que foram subjugados no “clímax” da história.

O intuito desse capítulo era demonstrar como as diversas representações do matrimônio de Juana e Felipe são unívocas no que diz respeito à finalidade primeira dessa união, qual seja, a aliança entre “alemães e espanhóis”. Observou-se que não somente as fontes de cunho mais aristocrático em sua produção seguiam a essa regra, mas também e principalmente os versos feitos por um autor que não pertence nem tinha vínculos com a nobreza. Ao reproduzir de forma tão positiva a finalidade política do matrimônio, Fadrique Biel reproduz um tipo de valor normalmente associado às ordens superiores. Isso pode indicar que ele fez parte do longo processo de disseminação dos valores da cultura nobiliárquica entre os membros das ordens inferiores<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Cf. ARIÉS, Philippe. CHARTIER, Roger. (org.). **História da Vida Privada**. Tomo 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 169-210. Fadrique Biel não é, entretanto, um exemplo exímio de homem da cultura popular. Ele fazia parte da pequena parcela da população letrada, capaz de escrever



## Capítulo 2 - Intimidade matrimonial

O drama ficcional de alguns autores do século XIX gerado em torno do matrimônio de Juana e Felipe<sup>46</sup> teve como fonte de inspiração as relações pessoais entre os cônjuges: sentimentos de amor, raiva, indiferença, entre outros. Ao analisar o aspecto íntimo deste matrimônio, é difícil escapar da tendência de interpretar o relacionamento do casal segundo padrões modernos. Por isso, é preciso estar ciente de que a intimidade de um casal entre os séculos XV/XVI era diferente dos padrões de intimidade contemporâneos, e deixou marcas menos evidentes na documentação da época. Trata-se um aspecto abordado marginalmente nos registros escritos, principalmente nos de caráter público.

Ora, não apenas o pudor e os sentimentos de dignidade e recato requeriam que se guardasse silêncio sobre os aspectos íntimos do casal, mas também sua posição social tornava perigoso tudo o que se viesse a saber da sua vida mais “privada”. Evitar-se-á o uso deste termo pouco adequado para os séculos XV e XVI, distantes da emergência do indivíduo contemporâneo, com seu respectivo “foro privado”. É preferível falar de um foro “íntimo”<sup>47</sup>, que não escapava ao aspecto coletivo e corporativo da Lei, da Religião, da Moral.

O primeiro encontro de Felipe e Juana, explorado de forma romântica no século XIX, segundo a crônica Padilla, teria sido expressivamente positivo. Embora o cronista não aluda a falas dos personagens nem tente explicar os acontecimentos daquele dia, sua narração deixa subentendida a ansiedade do casal de desfrutar das liberdades do casamento. Depois de dizer que Felipe, por se encontrar nas terras do Sacro-Império, foi impedido de se encontrar com Juana quando de sua chegada em Flandres, assim fala do dia do encontro dos jovens prometidos:

---

obras em verso, e dono da primeira imprensa de Burgos. Se por um lado ele não tinha, até onde sabemos, vínculos pessoais com a dinastia reinante, demonstra possuir um nível de cultura mais elevado que a maior parte da plebe.

<sup>46</sup> ORELLANA, Don Francisco José. **Lá Reina Loca de Amor**: historia romântica de Doña Juana de Castilla y D. Felipe el Hermoso. Barcelona: Imprenta Hispana de Vicente Castaños, 1862. Na capa desta edição, uma nota “Escribela (sic) em forma de novela y estilo ameno, para recreacion y alivio de enamorados”; FRANQUELO, Don Ranon. **Doña Juana La Loca**: drama histórico dividido em seis cuadros y escrito em verso. Salamanca: Imprenta de José Atienza, 1864. Na capa desta edição, uma nota: “Representado com aplauso em el Teatro del Principe la noche del 21 de Mayo de 1847.

<sup>47</sup> Cf. ARIÉS, Philippe. CHARTIER, Roger (org.). **História da Vida Privada**. Tomo 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 28-33.

Y pasados diez ó doce dias que estaba en esta villa [Liera], llegó allí el Archiduque ahorrado con poca gente porque vino apresuradamente en posta; y acompañáronle Musiur de Vergas y ciertos caballeros, y luego esta noche fué a ver la Archiduquesa. [...] y esa misma noche se desposaron por manos de D. Diego de Villascusa, capellan mayor, [...] Y luego esa noche consumieron el matrimonio, y otro día se casaron.<sup>48</sup>

Segundo Padilla, Felipe foi apressadamente para Liera, com o intuito de encontrar-se logo com Juana. Não quis esperar nem sequer até o dia seguinte para a grande cerimônia pública: na casa do abade que hospedava Juana, ele a desposou, presumivelmente com o intuito de consumir o casamento naquela mesma noite. Não é possível saber se ele teve essa ideia ainda em viagem, ou depois de se encontrar com Juana. De qualquer forma, Padilla deixa subentender que o adiantamento da cerimônia e das núpcias se deu pela ansiedade de Felipe de usufruir dos direitos matrimoniais naquele momento. Juana, omitida nessa parte do relato, poderia ter facilmente dispensado Felipe naquela noite, já que a cerimônia não estava prevista para ser celebrada daquela forma. Porém, uma vez que eles de fato se casaram naquele dia, subentende-se que ela também o desejava. Isso pode ter sido omitido por Padilla para não sugerir pensamentos inadequados à Rainha – pois, mesmo que na época dele Juana já fosse considerada louca por ciúmes de Felipe, isto não remontaria à primeira noite do casal. Na verdade, Juana aparece como uma dama normal e sociável na maior parte da crônica de Padilla.

Juana ficou grávida do primeiro filho em 1499. Uma gravidez de uma dama da nobreza é um assunto de caráter eminentemente público, que nesse caso afetava milhares de pessoas direta e indiretamente, o que fazia com que seus interesses se voltassem para toda a gestação. A geração de filhos legítimos era o fim primário de um matrimônio, e a expectativa de um primogênito deve ter sido grande durante cerca de um ano e meio para o casal. No início de 1500, Juana deu à luz ao seu primogênito, Carlos. Padilla diz que não somente a família rejubilou-se com o nascimento do Infante Carlos<sup>49</sup>, mas toda a cidade de Gante – onde o casal se encontrava – estava enfeitada e na expectativa. Preparou-se mesmo uma “pipa con leña y fuego artificial” acima da torre de uma igreja para que, se o filho fosse homem, explodissem-na assim que fosse dada a notícia.

---

<sup>48</sup> SALVÁ; BARANDA, *op. cit.*, p. 40-41.

<sup>49</sup> *Idem*, p. 63.

Decerto que houve vários festejos pela ocasião do nascimento de Carlos. Entretanto, é preciso lembrar que foi esse mesmo Carlos que, muitos anos depois, encomendou que Lorenzo de Padilla escrevesse a história de seus pais. Na narrativa dessa história, dá-se destaque a Carlos, sendo relativamente longa a descrição dos festejos e comemorações em sua honra, dos seus padrinhos de batismo, dos nobres que lhe vieram visitar, tanto por terra, quanto por mar, e do que eles lhe trouxeram de presente.

A crônica de Padilla é silente sobre quaisquer aspectos marcantes da intimidade do casal nos anos seguintes, até o episódio emblemático de 1503. Foi neste ano que Juana, num acesso de fúria em Medina del Campo, teria se rebelado contra a mãe por não a deixar viajar para encontrar-se com Felipe. Padilla narra os acontecimentos da seguinte forma:

El Príncipe D. Felipe segund he dicho, estuvo alguna parte deste año en Alesburque del condado de Tirol con el Emperador su padre, holgándose y dándole parte de sus negocios [...]. Y de aquí el Príncipe se vino á Flándes; y avisada la Princesa como su marido era vuleto á Flándes, suplicó muchas vezes á la Reina su madre que le diese licencia para se volver á su marido. La Reina disimulaba esto porque en la verdad quisiera que su hija no volviera á Flándes por estonces, porque se sentia mal dispuesta de la enfermedad que murió. Y como la Princesa queria tanto á su marido, perdida esperanza de que la Reina no le daria licencia, se determinó de ir á Flándes. Y estando aposentada en la Mota de Medina, mandó aderezar su casa para irse. Y quando la Reina lo supo ya llevaban las mulas, y mandólas detener, y envió á D. Joan de Fonseca, obispo de Córdoba, á fablar á su hija [...]. Quando el obispo llegó, ya la Princesa estaba á la puerta de la fortaleza, que salia, y el obispo le suplicó que se volviese á su aposento que no se fuese sin licencia de la Reina su madre [...]. Y la Princesa se quedó entre las dos puertas porque no quiso entrarse dentro, ni la dejaban salir afuera [...]. [Juana] quedó tan enojada que aquella noche durmió entre ambas puertas en cierta garita donde le aderezaron su cama. Y no obstante que la Reina estaba mal dispuesta, otro día de mañana vino en una litera á ver á la Princesa á la cual halló muy enojada, y rogóle muy afectuosamente que se volviese á entrar en su aposento, prometiéndole que en viniendo el Rey su padre de Aragon, la enviaria á su marido como era de razon, y que nunca Dios quisiese que su voluntad della ni la del Rey su padre era de la descasar de su marido, y que si otra cosa le habian dicho sobre aquel caso, que no lo creyese. Y con esto se satisfizo la Princesa.<sup>50</sup>

Em um dos poucos momentos em que Juana aparece como agente e protagonista da narrativa nessa crônica, é dentro de uma estrutura que enfatiza o dever da filha para com a mãe. Naquele momento, Isabel já estaria sofrendo das suas últimas dores, e em pouco tempo seria acometida pela morte. Como se já pudesse prever seu destino fatal,

---

<sup>50</sup> *Idem*, p 113-115.

ela gostaria que Juana estivesse ao seu lado até o fim. Dessa forma, Isabel é representada como a mãe experiente e prudente que à beira da morte deseja gastar suas últimas energias na preparação de sua sucessora. Nesse sentido, essa representação combina com aquela que foi feita muito antes na crônica, quando Isabel acompanha sua filha até o momento de sua partida para o casamento em Flandres, em demonstração de carinho e zelo materno.

Juana, por outro lado, aparece aqui como filha ingrata, que não percebe o esforço da mãe preocupada com seu bem. Além disso, ela estaria cega pela paixão, incapaz de controlar seus próprios sentimentos tornados nocivos. Além de causar danos à sua própria dignidade nobre e à reputação da família ao escandalosamente revelar querelas que apenas deveriam ser comentadas em um contexto reservado, também teria causado agravamentos à saúde delicada de Isabel. Padilla, portanto, achou válido utilizar-se de um acontecimento que glorifica Isabel – e, como logo se verá, também Felipe – às custas de deixar uma marca negativa na reputação de Juana.

Apesar do contexto exasperado da história, é possível extrair dela algo de positivo sobre o matrimônio de Felipe e Juana. Além daquele imprevisto peculiar no dia do casamento de Felipe e Juana, essa querela entre mãe e filha foi a única referência indireta que o autor fez aos sentimentos do casal. A despeito da possível mancha que pudesse deixar no caráter de Juana, o conto permite que a situação seja analisada segundo uma lógica diferente, centrada no amor conjugal, através do qual ela sai justificada. Uma vez que o amor entre os dois era tão forte – ao menos da parte de Juana –, ele testemunhava o sucesso dessa aliança matrimonial em sentido pleno: esse matrimônio não seria apenas uma aliança política, mas teria sido abrilhantado pelo verdadeiro amor conjugal<sup>51</sup>, levado aqui às últimas consequências.

Embora não se esperasse que todas as alianças matrimoniais resultassem no amor mútuo, ainda mais quando eram feitas com finalidades políticas claras, certamente era uma boa surpresa quando esse sentimento aflorava entre esposos. Por isso, a demonstração de amor incondicional de Juana para com o seu esposo, a ponto de desobedecer às ordens da mãe, também demonstra a sua fidelidade, resultando na garantia de cordialidade no relacionamento e no sucesso da aliança. Como se verá mais a frente, foi essa passividade de Juana em relação ao marido que teria dado oportunidade ao que foi interpretado como “usurpação” do trono de Juana por Felipe.

---

<sup>51</sup> Aquele ancorado na moral cristã, exposta na compilação de DESCOURS, *op. cit.*, fol. 217 r.

Antes, porém, de chegar a esse tópico, será útil comparar a narrativa de Padilla ao relato de Fuensalida sobre uma desavença entre Felipe e Juana que tomou lugar em Bruxelas, depois que Juana conseguiu voltar a Flandres – ou seja, depois do episódio apaixonado em Medina del Campo. O contraste entre a crônica e a carta demonstra a diferença entre as duas representações do casamento. Neste caso, temos o privilégio de observar a reconstrução de um diálogo do casal:

Por algunas cosas que son pasadas despues que vyno la Princesa, el Príncipe acordo de enbiar mensajero a Vuestras altezas para hazerles saber lo que ha suçedydo, y como la materia sea de calidad que no se deva comunicar a muchos [...]. Yo le dixe [a Felipe] que mi parecer seria que su Alteza no devria comunicar esto a muchas personas, [...] hera menester que [o mensageiro] fuese fiable y secreto, y que fuese persona con quien vuestrar Altezas libremente y syn enpacho pudiesen hablar, porque las materias heran de calidad que vuestras Altezas penarian en oyllas, y no hablarian ellas con todas personas syn enpacho.

[...] Segun me han dicho de algunas palabras que la Princesa dixo al Príncipe, que fueron estas: Yo os escriui que guardasedes vuestros hijos, que os los querian traher a España. El Príncipe respondio: Yo no se como pudyese ser esto syn mi voluntad. Dixole: Sy, que yo lo se y puedese hazer. Diz que el Príncipe le respondio: Yo no se como se pudiese hazer, y yo se por doñana de Biamonte que no me haria trayçion, ni el comendador de Haro no entenderia en hazer cosa que no pudyese salir, ni el Rey ni la Reyna, mis Señores, no avian de tentar cosa que no fuese a mi plazer, pues que yo los tengo de servir a su voluntad.<sup>52</sup>

É esse diálogo de difícil compreensão que queremos contrapor à imagem seletivamente subserviente de Juana construída por Padilla. Depois de pedir algumas mercês dos Reis Católicos em favor de um certo Laxaut, Fuensalida muda bruscamente de assunto, finalizando sua carta com o relato da desavença que teria ocorrido na corte e que já estaria sendo comentada pelos cortesãos. Fuensalida ainda mandou uma outra carta<sup>53</sup> mais breve no mesmo dia para dizer aos pais de Juana que, enquanto Felipe continuava a recebê-lo bem, Juana se recusava a encontrá-lo em quaisquer circunstâncias, o que muito lhe ofendia.

Não é nenhuma surpresa, a essa altura, que Juana não tenha escrúpulos em recusar receber Fuensalida, uma vez que teve a mesma audácia diante tanto do bispo de Córdoba, quanto de sua mãe. Entretanto, atribui-se um tom de desafio à Juana diante de seu marido que não se observa em nenhuma parte das crônicas. Não se sabe se o desfecho da querela foi mesmo com as palavras de Felipe, mas Fuensalida leva a crer que Juana não aceitou a resolução de seu marido de bom grado.

---

<sup>52</sup> FITZ-JAMES, *op. cit.*, p. 256-258.

<sup>53</sup> *Idem*, p. 259.

Ao que parece, Juana estava inquirindo Felipe sobre uma possível de seus filhos para as terras espanholas sem seu consentimento— obviamente, uma empreitada dos Reis Católicos. Ele tenta assegurá-la de que isso não era possível, porém ela discorda com veemência. Então Felipe responde-lhe com autoridade, dizendo que todos os seus contatos hispânicos – inclusive o próprio Fuensalida – são de inteira confiança, não os trairiam de forma tão grave.

Decerto, Fuensalida gostaria que Fernando e Isabel aplacassem a ira de sua filha. Juana rebelou-se de tal forma que refletiu no embaixador a raiva que sentia por seus pais, pois acreditava que eles lhe queriam tomar os filhos. Embora aqui se observe um elemento novo, que é a audácia de Juana frente ao seu marido, reafirma-se o caráter passional e emotivo de Juana a que Padilla já havia aludido. Esses atos de Juana serão, a partir de então, cada vez mais vistos como sinais de falta de juízo.

Passaremos agora à fonte em que culminam todos os aspectos abordados até aqui, no que concerne à intimidade do casal: uma carta em nome da própria Juana. A questão mais emblemática da relação pessoal e íntima entre Juana e Felipe é, provavelmente, a maneira como ela teria se subtraído ao poder em favor do protagonismo político dele. A partir desse ponto de vista, o que aconteceu na esfera política seria consequência da dinâmica matrimonial do casal. Para que se possa averiguar de que forma isto foi resenhado pela própria Juana, faz-se necessária a reprodução integral desta carta enviada para seu embaixador na Espanha quando ela ainda se encontrava em Bruxelas, já tendo morrido sua mãe:

La Reina – Monsiur de Beyre: hasta aquí no os he escrito porque ya sabeis de cuan mala voluntad lo hago; mas pues allá me judgan que tengo falta de seso, razon es de tornar en algo por mí como quiera que yo no me debo maravillar que se me levanten falsos testimonios, pues que á nuestro Señor gelos levantaron. Pero por ser la cosa de tal calidad y maliciosamente dicha en tal tiempo, hablad con el Rey mi Señor, mi padre, por parte mia, porque los que esto publican no solo hacen contra mí, mas tambien contra S. A. porque no falta quien diga que le place á causa de gobernar nuestros reinos, lo cual yo no creo seyendo S. A. Rey tan grande y tan católico, é yo su hija tan obediente. Bien sé que el Rei mi Señor [Felipe] escribió allá por justificarse quejándose de mí en alguna manera; pero esto no debiera salir de entre padres é hijos, cuanto mas que si en algo yo usé de pasion y dije de no tener el estado que convenia á mi dignidad, notorio es que no fué otra la causa sino celos; é no solamente se halla en mí esta pasion, mas la Reina mi Señora, á quien Dios dé gloria, que fué tan excelente y escogida persona en el mundo, fué así mismo celosa; mas el tiempo sanó á S. A. como placará á Dios que hará á mí. Yo vos ruego é mando que hableis allá á todas las personas que veais que conviene, para que los que toviesen buena intencion se alegren de la verdad, y los que mal deseo tienen, sepan que sin duda quando yo me sintiese tal cual ellos querian, non habia yo de quitar al Rey mi Señor, mi marido, la gobernacion desos reinos y de todos los

poderes que yo pudiese, así por el amor que le tengo y por lo que conozco de S. A. como porque conformándome con la razon no podia dar á otro la gobernacion de sus hijos y mios y de todas sus subcesiones, sin hacer lo que no debo. Espero en Dios que muy presto serémos allá donde con mucho placer me verán mis buenos súbditos é servidores.<sup>54</sup>

A maioria das questões que se tornaram assunto de debate nos séculos posteriores já se apresentam nesta carta, como a “falta de siso”, o exemplo maternal, os ciúmes e a paixão por Felipe. Nesse texto, Juana parece estar em uso de suas faculdades mentais o bastante para refletir e argumentar sobre as insinuações negativas feitas sobre as mesmas faculdades.

Em primeiro lugar, essa carta é uma reclamação de Juana sobre a intrusão indevida de pessoas que não são nomeadas nos assuntos internos da família. Embora não se possa qualificar esta intrusão como “invasão de privacidade”, há decerto um sentimento de uso indevido das informações que deveriam permanecer apenas no seio da família. Essa alegação acompanha também a carta de Fuensalida, na qual ele procura que as informações sobre as desavenças entre Felipe e Juana cheguem aos Reis Católicos da forma mais secreta o possível. Portanto, nota-se que há um zelo pela manutenção dos assuntos íntimos da família dentro dos círculos mais restritos das respectivas cortes. Ressalte-se que tais assuntos não eram secretos apenas por pudor, ou por vaidade da família, mas por uma preocupação muito pragmática com o perigo político oferecido pela má-fama pública dos monarcas, ou de seus prováveis sucessores. Pode-se dizer, inclusive, que um dos propósitos das crônicas aqui analisadas é sustentar a boa-fama dos Reis Católicos e de Felipe – e, em menor medida, de Juana.<sup>55</sup>

Juana fala abertamente que tais assuntos lhe aborrecem, e só trata deles por que vê verdadeira necessidade. Ela reconhece que tem ciúmes de Felipe, e que esses sentimentos influenciam nas suas decisões. Porém, recorre à sua falecida mãe como meio de justificar-se, e justificar sua própria razão: pois sendo Isabel reconhecidamente uma rainha a quem todos consideravam à altura de sua dignidade, também Juana, sua filha, não deveria ser subestimada se padecia do mesmo mal que ela.

Ao contrário do primeiro capítulo, no qual observou-se uma semelhança geral do aspecto político das representações do matrimônio de Felipe e Juana, o seu aspecto

---

<sup>54</sup> SALVÁ; BARANDA, *op. cit.*, p 291-293.

<sup>55</sup> Não interessava a Padilla esforçar-se para manter a boa-fama da rainha, uma vez que ela se encontrava asilada em Tordesilhas e Carlos V desejava que ela lá permanecesse – ainda que a custa de mitos sobre sua sanidade mental.

íntimo e sentimental foi tratado de forma muito diferente de acordo com as variadas tipologias de fontes. Isso aponta não apenas para a diferença de padrões sobre o que é adequado dizer ou não numa crônica e numa carta, por exemplo, mas também para diferentes perspectivas sobre a forma como Felipe e Juana se relacionavam em seu foro íntimo. Essa discrepância provavelmente se deu devido ao caráter fugaz e pouco controlável da intimidade matrimonial, que em geral não era abordado nas crônicas e nas obras de divulgação pública.

Por outro lado, cartas e documentos dirigidos a apenas determinadas pessoas tendem a ser mais profícuos na busca dos detalhes íntimos. Neles, a reorganização conveniente das histórias não aparenta ser tão contundente a ponto de silenciar informações que claramente poderiam prejudicar seus destinatários. A ideia, na verdade, era avisá-los de acontecimentos que poderiam preocupá-los. No caso do matrimônio abordado neste estudo, pode-se observar isso no relato de Fuensalida aos Reis Católicos sobre a briga entre Felipe e Juana a respeito da viagem de seus filhos.

A condição restrita, por vezes secreta, de tais informações, também as tornava alvos de potenciais elaborações retrospectivas conflitantes: uma vez que dizem respeito a acontecimentos que tomaram lugar num ambiente mais reservado, as pessoas envolvidas explicariam a sua versão dos fatos de maneira às vezes colidente. Seus depoimentos, se divulgados com intenções contrárias também poderiam ser perigosos politicamente, na medida em que se tornariam armas políticas contra aqueles a quem se pretendia difamar. Juana, tendo conhecimento da difamação que era feita sobre ela na Espanha, contata seu embaixador com o propósito de retomar o controle do que se dizia sobre sua vida matrimonial. Os efeitos da dinâmica peculiar entre política e intimidade matrimonial no casamento de Felipe e Juana foram ambivalentes, em termos da legitimidade e da eficácia matrimonial. Todavia, mesmo os aspectos negativos foram rearranjados historicamente de modo a favorecer a política castelhana. Esses efeitos serão abordados com mais atenção no próximo capítulo.



### Capítulo 3 - A linhagem nobiliárquica

Neste capítulo, será analisado o aspecto dinástico do matrimônio de Felipe e Juana. Já tendo visto o aspecto político evidente do matrimônio, assim como o aspecto menos ostensivo que é o da intimidade do casal, será analisado um aspecto em particular que é eminentemente político, mas que também toca na intimidade e na personalidade dos sujeitos. Pretende-se encontrar nessa análise o que a união entre Juana e Felipe representou para as linhagens às quais cada um deles pertenciam, e como esta representação ajuda para conferir maior legitimidade às famílias.

Um matrimônio nobiliárquico, que deve ser enquadrado na categoria “matrimônio”, possui algumas características que o distinguem de um matrimônio de pessoas comuns, isto é, que não pertencem à nobreza. Em primeiro lugar, um casamento nobiliárquico tinha por objetivo que os frutos da nobre união garantissem a continuidade da família. Os filhos, portanto, perpetuavam a existência de sua linhagem.

Era necessário que um filho nascesse dentro do âmbito matrimonial para ter legitimidade legal e, no caso do matrimônio abordado neste estudo, da capacidade de reinar. Há casos excepcionais em que filhos bastardos ascenderam ao poder em contextos problemáticos de sucessão ao trono<sup>56</sup>, porém mesmo nesses casos foi preciso haver um trabalho de legitimação e de reconstrução da memória sobre eles. Além disso, uma vez no poder, os bastardos continuariam sua linhagem através de um matrimônio legítimo.

Isso implica numa cultura estabelecida em torno do matrimônio: ele era o meio ordinário com o qual se conferia validade à prole de um casal, a qual era o resultado final da união e da consumação. Por isso a celebração e a consumação do matrimônio nobiliárquico possuíam caráter público, como já foi observado no capítulo 2. Esse caráter motivou o costume de estarem presentes várias pessoas no parto servindo de testemunhas, para que não se levantassem suspeitas a respeito da filiação do recém-nascido. O reconhecimento geral da legitimidade de nascimento do herdeiro interessava a todos, pois do contrário poderiam sobrevir questionamentos perigosos para a ordem estabelecida.

---

<sup>56</sup> Talvez o exemplo mais conhecido para a Península Ibérica seja o do rei D. João, Mestre de Avis (1357-1433).

Por causa da manutenção do *status* da família, era quase certo que membros da nobreza só se casavam ente si. Não obstante, as leis castelhanas previam a possibilidade de um casamento entre um nobre com uma mulher “de vil linhagem”; mas mesmo nesse caso, a esposa adquiria o título do marido. Percebe-se então que o casamento em si já é capaz de equalizar os nubentes num mesmo lugar social, tal qual é figurado na literatura cristã com a referência a dois corpos que se tornam um só<sup>57</sup>. Ora, seria possível dizer que um dos motivos pelo qual Felipe, após a morte de Isabel a Católica, sentiu-se no direito de reinar no lugar de Juana é por se ver igual à sua mulher? Esse pode ser ao menos um tipo de argumento usado em seu favor.

Primeiramente, cumpre observar o que as observações de Descousu das leis de Castela nos informam a respeito de um matrimônio nobiliárquico:

La muger que fuesse de vil linage que casase con Rey, Duque, o Conde, o otro gran señor, no solamente deue gozar en vida de su marido de la honrra, título, y prerrogatiua del tal marido, mas avn despues de ser el fallecido llamar la han reyna, o duquesa, o de otro título que ouiesse el marido, saluo si despues ella casare con honbre de menor guisa [...].

Ayuntando se marido, y muger por auer linage, no peccan: y se el vno se ayuntare con el otro, no por que aya voluntad, mas por que al otro lo pidio, ansi mismo no pecca: ni aquel que vencido de la carne se ayunta con el otro por no caer en fornicio, ni adulterio.<sup>58</sup>

As leis de Castela dispõem que a mulher que se casa com um marido intitulado adquire o título do marido. Juana recebeu, portanto, a comunhão dos títulos de seu marido, sendo intitulada Arquiduquesa de Áustria após o casamento. Felipe, por sua vez, foi jurado Príncipe das Astúrias junto com Juana quando veio a ocasião dela ser a nova herdeira de Castela.

Esta constelação de títulos e dignidades agregou ao herdeiro de Felipe e Juana uma multiplicidades de potentados a governar, prerrogativa da qual Carlos V fez uso anos depois. Entretanto, como se vê na lei citada acima, a mulher perderia as prerrogativas de seu marido se, tendo ele falecido, ela se casasse com outro. Nesse caso, um possível segundo casamento de Juana teria alterado desvantajosamente as oportunidades que ela e o marido haviam reunido para Carlos. Por isso, há um debate historiográfico<sup>59</sup> a respeito da possibilidade de Juana ter se utilizado dos mitos a seu respeito para não abrir espaço para novos pretendentes.

---

<sup>57</sup> Cf. DESCOSU, *op. cit.*, p. 217r.

<sup>58</sup> *Idem.*

<sup>59</sup> ARAM, *op. cit.*, *loc. cit.*

Os autores que defendem essa tese acreditam que o mito a respeito da loucura de Juana, motivada por um amor incontrollável por Felipe, embora não tenha sido criado nem encorajado por ela a princípio, foi usado por ela quando viúva – ainda que através de um aceitamento tácito – para que não negociassem futuras propostas de casamento<sup>60</sup>. O motivo alegado seria a preocupação com a herança de Carlos V, que poderia perder muito de seu futuro poderio se a mãe tivesse um novo esposo e novos filhos.

No que diz respeito ao segundo parágrafo da fonte citada, surpreende que seja feita uma explicação sobre os casamentos “por haver linhagem” que toma uma forma quase escusatória. Embora no século XV já fosse parte da cultura em torno do matrimônio que nobres se casassem por motivos de linhagem, Descousu achou necessário ressaltar que uma união, para ser válida, não precisava ser fundamentada necessariamente em sentimentos mútuos entre os esposos. Um casamento fundado no desejo espontâneo dos esposos tornava-se assim um ideal que, embora fosse valorizado positivamente, não era imprescindível.

Nota-se, portanto, que não obstante os matrimônios mais aceites do que desejados fossem regra entre os nobres, os casamentos desejados eram vistos como uma união mais perfeita, pois os noivos entregavam-se voluntariamente um ao outro. Ora, no que se refere a Juana e Felipe, ainda que seu casamento tenha sido arranjado por motivos de linhagem, em termos das representações desse matrimônio nas fontes, ele foi também um casamento desejado. É claro que ele não foi desejado no sentido em que Felipe e Juana teriam primeiro se apaixonado e depois decidido se casar; mas o modo como eles se casaram logo ao ver-se, bem como as histórias de ciúmes de Juana, indicam que havia desejo dos dois para que essa união existisse nas representações.

Tendo em vista que um matrimônio fundamentado no amor espontâneo entre os cônjuges era, ainda que prescindível, muito mais almejado, pode-se entender que aqueles que escreveram sobre Juana e Felipe quiseram conferir a ele um caráter de completude tendo em vista o valor positivo que isso acrescentava a eles, assim como a todos os envolvidos, e ainda aos filhos que nasceriam como fruto da união.

Está claro, portanto, o significado duplo do casamento de Juana e Felipe: um casamento arranjado por motivos políticos, porém complementado por uma inesperada afeição entre os dois. Ambos os aspectos, mas principalmente o segundo, torna esse casamento distinto da maioria, pela imprevisibilidade das ações motivadas pelo afeto.

---

<sup>60</sup> *Idem.*

Porém, uma vez que o afeto exista, atribui um grau maior de perfeição à união sacramentada, por corresponder ao ideal<sup>61</sup>.

Esse tipo de conjectura, porém, só pode ser feito depois que o matrimônio já tinha tomado lugar. Cabe verificar, então, como foi lida a união antes do matrimônio, tendo sempre em vista os significados dela para a linhagem da família. Para isso, será feito uso novamente do poema de Fadrique Biel.

Vale lembrar que Fadrique Biel não tinha nenhuma relação além de ser súdito da família Trastâmara, enquanto seus reis. Sua obra não foi encomendada, e os elogios à linhagem foram feitos por alguém externo a ela – o que também confere maior força a eles.

Fadrique Biel é muito generoso em seus elogios à Juana:

La su vista animosa / tiene tanta claridade / como piedra virtuosa / quera clara  
relumbrosa / resplandece su beldade / la su grand abelidad / era bien merecedora  
/ de tener altividad / su alteza realidade / de ser mas quenperadora. / Su alteza  
ataviada / vos dire como la vi / com vna ropa colorada / descarlata muy preciada  
/ aforrada en carmesi / ella trae vn gran robi / y otras piedras relumbrosas / quel  
claror que dan de si / alumbrassen por aqui / alas noches tenebrosas.<sup>62</sup>

Esses elogios são mais do que meros galanteios. Os louvores se inserem no momento em que Juana encontra os enviados de Flandres para que possam vê-la. Todas as virtudes, a beleza, a habilidade, o merecimento e a altivez de Juana devem ser vistos não só como atributos unicamente de sua pessoa, mas também como privilégio recebido hereditariamente. É por isso que os méritos não são somente pessoais, mas adidos à honra da família como parte de um repositório de benefícios providencialmente dispensados aos seus membros; a mesma lógica vale para os deméritos, que afetam a família como um todo. Segundo o poeta, todas as virtudes de Juana garantiriam que ela merecia “ser mais que imperadora”.

Como complemento às suas qualidades, e como reafirmação de seu alto lugar, os trajes de Juana causam uma grande impressão. Vestida de vermelho, uma cor reservada aos nobres, ela também carrega um pendão com rubi e muitas pedras preciosas. Além de demonstrar riqueza e poder, as pedras preciosas também servem de metáfora para a luminosidade de Juana, símbolo de sua virtuosidade moral.

<sup>61</sup> DESCOUSU, *op. cit.*, p. 217r.

<sup>62</sup> **Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: [http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html) Último acesso em 6 de agosto de 2015.

Depois da aparição de Juana, segundo Fadrique Biel, um pintor da comitiva flamenca faz uma pintura dela para levar a Felipe, e entrega a ela um desenho dele. Assim como a pintura de Juana, a de Felipe também representaria a grandeza de sua pessoa e de sua casa. Afigura-se, portanto, que a altivez de Juana e Felipe tornam ambos dignos um do outro, aptos para gerarem descendentes coerentes com a nobreza da família.

Já se aludiu, no capítulo 1, ao incidente entre franceses e castelhanos na viagem de Juana à Flandres. Portanto, abordaremos aqui a recepção dada a ela quando de sua chegada:

Con trompetas y clarones / han llegado do querian / con solênes processiones /  
alemanes bergoñones / a su alteza reçibian / las musicas que tañian / son de tales  
perficiones / que todos quantos las oyan / conel gozo que sentian / alegre sus  
coraçones. / Salen luego cien donzellas / a su alteza recibir / las sus caras son  
tan bellas / como el sol y las estrellas / quando quieren reluzir / se bastasse mi  
escribir / porque enesto bien se lea / segund fue mi presumir / escomiençan de  
dezir / magnifica anima mea. / Los nobres comunales / quando ellos lo supieron  
/ arçobispos cardenales / cavalleros principales / a su alteza rescibieron /  
grandes salas les hizieron / a su alteza y señoria / por las calles do vinieron / con  
proceçiones salieron / la solêne clerezia. / Canciones muy alegres / escomiençan  
de cantar / los ombres y mugeres / hazen juegos y plazerer / que son largos de  
contar / escomiençan de iustar / los mayores dela villa / y otros de festejar / y las  
justas ordenar / ala guisa de castilla. / Torneos de mill maneras / hazen por las  
generosas / muestran joyas las joyeras / por las calles y carreras / queran lindas  
y vistosas / vido cosas muy hermosas / de gracioso parecer / piedras  
relumbrosas / en damas valerosas / de gentil resplandecer.<sup>63</sup>

A descrição dos festejos pode ser vista como mais do que uma comemoração popular. Uma vez que soldados, nobres, clérigos, cavaleiros, damas e todos os envolvidos nas celebrações são súditos de Felipe, numa perspectiva corporativa eles representam Felipe enquanto membros de um mesmo corpo do qual o arquiduque é a cabeça. A recepção calorosa pode ser interpretada também como o êxito esperado para aquela união. Mais do que a união de duas casas, trata-se da união de duas famílias reinantes, cujos súditos refletem também a alegria aguardada de seus senhores.

Em primeiro lugar, alemães e borgonheses vão em procissão receber Juana, como sinal de fidelidade a ela – da qual era esperado o mesmo politicamente. É muito provável que essa seja uma referência à ascendência do Felipe, filho de uma borgonhesa

---

<sup>63</sup> **Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: <  
[http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html)>  
Último acesso em 6 de agosto de 2015.

com o Imperador dos germânicos. Depois, várias mulheres donzelas vão cumprimentá-la, um costume que chama a atenção o tipo de relacionamento aristocrático que Juana deveria ter com as outras damas da região, que em pouco tempo procurariam aproximar-se dela para estabelecerem relações.

Depois das damas, é a vez da nobreza e do clero ir prestar homenagem à Juana. É muito importante que tal demonstração pública de fidelidade seja feita, uma vez que em breve aqueles mesmos nobres – clérigos e leigos – poderiam precisar recorrer a Juana em suas negociações e pedidos de mercês à Coroa. É de se imaginar que todos desejariam ter ao seu lado uma peça importante no xadrez político de Flandres, especialmente sendo nova naquele ambiente e aberta à construção de novos laços. Ademais, observa-se também a identificação daqueles nobres com Juana como uma de seus pares. É essa distinção dos nobres como uma ordem dotada de privilégios de sangue que como vimos devem se manifestar não só nas leis, mas também na personalidade que o matrimônio deve salvaguardar.

Torneios, canções, mostras de joias em “damas relumbrosas” servem de aparato a esse quadro de recepção positiva do enlace de Juana e Felipe. Embora as negociações matrimoniais estejam relacionadas, em primeira instância, à nobreza, a aclamação do povo à união ajuda a conferir popularidade e uma legitimidade mais larga de ação para os nubentes, uma vez que contam com o aceitamento pacífico da união e de suas implicações.

O poeta termina com o seguinte verso:

Alegrê se las españas / los que enellas moraran / pues las altas alemañas / con  
aquestas sus hazañas / muy alegres quedaran / avn os digo que diran / o gracioso  
gran misterio / todos quantos lo oyran / en sus tierras gozaran / ende mas enel  
imperio.<sup>64</sup>

A finalização do poema chama a atenção para o final feliz da jornada de Juana, cujo sucesso será coroado com o encontro com seu noivo. Mais uma vez, a felicidade dos dois é também felicidade para suas linhagens, e até para os súditos de suas linhagens. Essas “façanhas”, da qual Fadrique Biel foi o narrador, deverão causar espanto em todos quantos as ouvirem, porém mais ainda no Império. Percebe-se, assim,

---

<sup>64</sup> **Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: <  
[http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html)>  
Último acesso em 6 de agosto de 2015.

como o matrimônio de Juana estava voltado para sua ascensão ao Sacro-Império ao lado de Felipe, e a história que antecede a sua união serve como fator de enobrecimento da união entre “espanhóis” e “alemães” contra os franceses, que foram vencidos nessa pequena batalha marítima como também o poderiam ser nas futuras.

Ao fim do texto, foi inserida uma imagem na qual podemos ver uma figura masculina depositando uma folha na mão de uma dama:



Sendo Juana a figura central de seu texto, é justo entender que é ela a representada na imagem. A posição ajoelhada da figura masculina assemelha-se à de um devoto diante de seu santo patrono, prestando-lhe homenagem esperando receber em troca algum benefício – por isso, é provável que a figura masculina seja o próprio Fadrique Biel. Ora, o poema de Fadrique Biel é certamente uma homenagem a Juana, mas também à linhagem que ela representa e que ela vai perpetuar ao casar-se. Mais ainda, é possível perceber a fascinação de Fadrique Biel com Juana tornando-se uma futura imperatriz, o que certamente era uma grande honra para ela, sua família e seu povo.

Neste capítulo, foi possível observar como as representações matrimoniais servem ao propósito de legitimação de suas linhagens através de fatores como honra, poder, popularidade, mas também e principalmente através de relações positivas entre

esposos. Uma relação de amizade entre eles significa uma relação amistosa entre as famílias, um terreno fértil para políticas conjuntas. No que concerne à linhagem, o casamento de Juana e Felipe excedeu as expectativas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise de fontes distintas, puderam ser encontrados alguns padrões nas representações do matrimônio de Juana e Felipe. O enlace matrimonial foi motivado principalmente pela necessidade de ajuda mútua contra a ameaça crescente da França, e sobre isso as fontes foram unívocas. Por outro lado, no que concerne ao relacionamento pessoal do casal, diversas vezes puderam ser encontrados contrastes entre as representações do matrimônio, de acordo com a agenda política dos autores.

As relações entre Juana e Felipe, que num primeiro momento teriam sido surpreendentemente dignas de cônjuges afeiçoados um ao outro, teriam sido desequilibradas pelos ciúmes de Juana diante das infidelidades do marido. Esse tipo de informação escapa às fontes que possuem maior controle por parte de autoridade régia, mas revela-se nas correspondências privadas.

O caso de Felipe e Juana é certamente incomum, embora seja discutível se ele pode ser considerado diferente dos outros matrimônios em aspectos essenciais. Conforme foi abordado no início do texto, o termo *matrimônio* abrange uma multiplicidade de casos que não são iguais, mas têm algo em comum. O matrimônio de Juana e Felipe, segundo a cultura política em torno deste assunto nos séculos XV/XVI, coube dentro de todos os critérios necessários para avaliá-lo como legítimo. O que o distinguiu da maioria foi a notória importância que os sentimentos parecem ter tomado na vida do casal, principalmente de Juana, de forma que ela foi incapaz de relegá-los ao seu âmbito íntimo, separando-o da política. As atitudes passionais de Juana diversas vezes causaram constrangimentos nas cortes, o que certamente não foi visto com bons olhos por aqueles que esperavam uma política mais sóbria.

Por outro lado, a política nos séculos XV/XVI, assim como nos séculos anteriores e ainda durante alguns séculos seguintes, era indissociável da personalidade de seus agentes. Embora indesejadas, as atitudes de Juana não eram completamente estranhas ou inesperadas, já que faziam parte da experiência e do imaginário daquela sociedade figuras do passado – e mesmo daquele presente – que trouxeram à política o que chamamos “idiossincrasias”. Na verdade, pode-se dizer que isso não só era aceitável, mas até esperado e legítimo. Fazia parte da maneira de governar a expectativa de recurso à justiça, ao costume e às leis, mas de forma personalista e à mercê do juízo pessoal daquele que governa.

Nesse ponto de vista, o casamento de Juana e Felipe não teria sido uma experiência inédita, mas sim incomum. A partir dele, se pode observar como os sujeitos históricos lidaram com o modelo matrimonial vigente *pari passu* suas inquietações pessoais, de forma a permitir vislumbrar limites e extremos daquele modelo. Embora todos os matrimônios sejam diferentes, alguns casos são peculiares particularmente em relação à cultura estabelecida em torno de como deve ser a vida matrimonial. Os comportamentos de Juana e Felipe, conforme foi demonstrado, muitas vezes causaram estranhamentos aos que os presenciavam. Não foi, entretanto, o bastante para desconsiderá-lo um matrimônio.

Outro exemplo da maneira como a análise desse matrimônio revela excepcionalidades mesmo em termos de política é perceber como ele foi primordial para a alegação de loucura de Juana, tornando-a incapaz de reinar. Para um rei, a alegação de insanidade era uma das mais prejudiciais, pois dificilmente poderia ser contornada se houvesse evidências conclusivas. O afastamento de Juana do trono, independentemente de ter sido voluntário ou não, tem como justificativa aquela insanidade que teria sido fruto de um matrimônio instável.

As fontes parecem apontar em direção a um resultado matrimonial politicamente vantajoso para Felipe e emocionalmente ambivalente para Juana. Entretanto, em termos de resultado ulterior, a vida matrimonial ruim foi também a fonte dos problemas pessoais mais graves do casal a longo prazo: acabou por tornar Juana instável emocionalmente, tornando-a uma constante fonte de preocupação para seus pais, para Felipe, para os embaixadores, cortesão, entre outros. É assim que se justifica a decisão de encerrá-la num asilo em Tordesilhas, em favor de homens mais aptos ao exercício do poder. Finalmente, para que não se levantassem dúvidas sobre a legitimidade daqueles que governavam *de facto* em nome de Juana, eles teriam se usado dos rumores que já circulavam sobre a sanidade de Juana para reputá-la como louca e isolá-la<sup>65</sup>.

Portanto, o caso de Juana e Felipe não foi uma exceção à regra. Seguiram, na maioria dos aspectos, aquilo que se esperava e se demandava de um casal nobre e

---

<sup>65</sup> Os Comuneros de Castela, em 1520-21, chegaram a libertar Juana e pedir-lhe que reclamasse o trono que era seu por direito. Inicialmente ela hesitou, mas acabou por reconhecer seu filho como verdadeiro e legítimo governante. Esta atitude reforça a ideia de que Juana aceitava seu isolamento com complacência.

régio<sup>66</sup>. Entretanto, as circunstâncias tornaram-nos protagonistas de um casamento perigoso, tangenciando diversas vezes os limites da legitimidade, com atitudes que fugiam ao padrão de normalidade da época. O estudo desse matrimônio contribui para entender, tendo em vista os estudos de comportamento e cultura política matrimonial, como um caso extremo como esse pode se enquadrar em formas e representações que lhe garantam validade.

---

<sup>66</sup> Isto é, um casamento conforme a cultura e a moralidade cristã segundo a forma que assumiam naquela época. Cf. DESCOURS, Celse-Hugues. **Las leyes de todos los reynos de Castilla abreviadas y reducidas en forma de Repertorio decisiuo por la orden del A.B.C.** Original disponível na Universidade Complutense de Madri. Casa de Iuan de Brocar, 1540, fol. 217 r.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes:

DESCOUSU, Celse-Hugues. **Las leyes de todos los reynos de Castilla abreuviadas y reduzidas en forma de Reportorio decisiuo por la orden del A.B.C.** Original disponível na Universidade Complutense de Madri. Casa de Iuan de Brocar, 1540.

SALVÁ, D. Miguel; BARANDA, D. Pedro de (org.). **Coleccion de documentos inéditos para la Historia de España.** Tomo VIII. Madri: Viuda de Calero, 1846.

GACHARD, Louis-Prosper. **Collection des voyages des souverains des Pays-bas.** 4 tomos. Bruxelas: Comission Royale d'Histoire. 1876.

FITZ-JAMES, Jacobo (ed.). **Correspondencia de Gutierre Gomez de Fuensalida, embajador em Alemania, Flandes é Inglaterra (1496-1509).** Madri: Duque de Berwick & Alba, 1907.

**Coplas hechas sobre el casamiento de la hija del Rey de España con el hijo del Emperador.** Disponível em: <  
[http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource\\_2000059199376.html](http://www.europeana.eu/portal/record/92004/BibliographicResource_2000059199376.html)>, último acesso em 6 de novembro de 2015.

VITAL, Laurent. **Relación del primer viaje a España de Carlos I:** con su desembarco en Asturias. Madrid: GEA, 1948.

### Literatura secundária:

ARAM, Bethany. **La Reina Juana:** gobierno, piedad, dinastia. Madrid: Marcial Pons, 2001.

BECERRA, Carmen (ed.). **Reescribir ficciones:** imágenes de la literatura en el cine y la televisión. Pontevedra: Mirabel, 2005.

CARRETERO, Pilar Amador; FRANCO, Rosario Ruiz (eds.). **Representación, construcción e interpretación de la imagen visual de las mujeres.** Madri: AEIHM-Instituto de Cultura y Tecnología Miguel de Unamuno, 2003.

CARTWRIGHT, William. **Gustave Bergenroth:** a memorial sketch. Edimburgo: Edmoston & Douglas, 1870.

FRANQUELO, Don Ranon. **Doña Juana La Loca:** drama histórico dividido em seis cuadros y escrito em verso. Salamanca: Imprenta de José Atienza, 1864.

FUENTE, D. Vicente de la. **Doña Juana la Loca, vindicada de la nota de herejía.** Madri: Imp. D. Dubrull, 1870.

GACHARD, Louis-Prosper. **Collection des voyages des souverains des Pays-bas.** 4 tomos. Bruxelas: Comission Royale d'Histoire, 1876.

GÓMEZ, María; JUAN-NAVARRO, Santiago; ZATLIN, Phyllis (eds.) **Juana of Castile: history and myth of the mad queen.** Lewisburg: Bucknell University, 2008.

GRAIÑO, Cristina Segura (coord.). **La educación de las mujeres: libertad o subordinación.** Madrid: Al-Mudayna, 1996.

GUIMARÃES, Marcella; FRIGHETTO, Renan (coord.). **Instituições, poderes e jurisdições: I Seminário Argentina-Brasil-Chile de História Antiga e Medieval.** Curitiba: Juruá, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: PUC, 2006.

ORELLANA, Don Francisco José. **Lá Reina Loca de Amor: historia romântica de Doña Juana de Castilla y D. Felipe el Hermoso.** Barcelona: Imprenta Hispana de Vicente Castaños, 1862.

PFANDL, Ludwig. **Juana la Loca: Su vida, su tempo, su culpa.** Madrid: Espasa Calipe, 1943.

PRUDENTE, Luísa Tollendal. **Perspectivas da normatização do casamento na Castela afonsina: uma leitura das Siete Partidas.** Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-Grauação em História Social da UFF, 2015.

RODRÍGUEZ VILLA, Antonio. **Bosquejo Biográfico de la Reina Doña Juana.** Madrid: Aribau, 1874.

SANZ Y RUIZ DE LA PEÑA, Nicomedes. **Doña Juana I de Castela, la reina que enloqueció de amor.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1942.

ZALAMA, Miguel Ángel (ed.). **Juana I de Castilla: de su reclusión en Tordesillas al olvido de la historia.** Valladolid: Grupo Página, 2006.